

**Roma: ascensão e queda
de um império do carnaval**

Marcos Aurélio da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso

No final da década de 1970, teve início em uma das ruas do centro de Florianópolis (SC), um pequeno carnaval que por vários anos se transformaria num território de sociabilidade e visibilidade para homens e mulheres que se relacionam com pessoas do mesmo sexo e para uma criativa forma de *cross-dressing*, precursora do movimento *drag queen* dos anos 90. O Carnaval do Roma, que por muitos anos foi uma das festas mais concorridas do carnaval de rua da capital e se consolidou como o carnaval de “gays, lésbicas, travestis e simpatizantes”, numa época em que não se falava em “turismo gay”, como hoje, tampouco Florianópolis era tida como destino turístico LGBT. Desde 1990, o poder público municipal passou a organizar a festa, com palco e bandas carnavalescas, e um concurso, o Pop Gay, para eleger as melhores produções de *cross-dressing*.

Desde 2008, a prefeitura deixou de organizar o Roma, ao mesmo tempo em que se consolidaram na cidade festas voltadas ao público LGBT, marcadas pela música eletrônica e também por uma radical segregação econômica. Até alguns anos antes, as boates e bares do circuito LGBT da cidade só abriam depois que o Roma acabasse, o que fazia desse carnaval a maior manifestação pública e gratuita da diversidade sexual, acessível a toda população. Se os casais gays e lésbicos passaram a ter como alternativa essas novas festas realizadas pelas casas noturnas da moda, em que os preços cobrados não são nada populares, o mesmo não pode ser dito dos praticantes do *cross-dressing* que perderam um grande palco, reconhecido em outra pesquisa como um espaço de iniciação de *drag queens* e profissionais do transformismo (VENCATO, 2002).

A pesquisa e meu trânsito pelo Roma foram a base da dissertação de mestrado (SILVA, 2003) defendida na UFSC, em que realizei entrevistas com antigos foliões e procurei realizar um levantamento histórico da constituição do Roma, conectando este movimento com os recentes desenvolvimentos do debate sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade. Neste ensaio, apresento algumas das imagens produzidas na pesquisa, cujo foco são as *cross-dressers* que davam o tom da festa e se mostravam mais dispostas a serem fotografadas, como parte de suas *performances*.



FOTO 1 – A *drag queen* Vogue Star foi uma das mais atuantes no Roma, nos anos 1990. Ela foi apresentadora do concurso Pop Gay e uma das pioneiras da movimentação *drag* na Ilha de Santa Catarina, neste período. Em suas falas sempre ressaltou na atividade *drag* a questão do carisma e simpatia, como suas principais “armas” na multidão do carnaval. Circular entre milhares de pessoas com um sorriso no rosto e à disposição de todos os cliques é o que faz com que as *drag queens* fossem os sujeitos mais visíveis dessa pesquisa.



FOTO 2 – Além de revelar estrelas individuais, o Roma se marcou pela prática do *cross-dressing* em grupo, em figurinos caprichados e elaborados. Nas entrevistas, esses sujeitos revelaram um trabalho exaustivo de preparação que durava o verão inteiro, recorrendo a costureiras e lojas de acessórios. A busca do figurino mais hilário não descarta a perfeição como objetivo, destoando assim do *cross-dressing* carnavalesco tão comum no Brasil, em que homens improvisam suas fantasias para brincar nos chamados “blocos de sujos”.



FOTO 3 – O humor é a tônica das produções *drags* que constituíram o Roma e uma das premissas consideradas ideais pelos praticantes (VENCATO, 2002). Suas performances para a câmera revelam essa disposição e entrega a uma avaliação pública. Não basta a produção perfeita e a simpatia. É preciso ter “texto” (*idem*), ou seja, ter respostas prontas, criativas e que não sejam rudes. “Sempre um sorriso na cara. Não ‘compra’ nada (em relação às provocações) que tudo que a gente tem de fazer pra uma cara feia é mostrar uma cara bem linda”, afirma uma das entrevistadas.



FOTO 4 – Durante a pesquisa, era possível encontrar tanto participantes que estavam descobrindo o Roma, quanto frequentadores de longa data que tinham no Roma uma espécie de refúgio nos tempos mais sombrios da história da homossexualidade no Brasil. Nos primórdios da festa, no final dos anos 70, o espaço não era marcado como “gay” mas alternativo, atraindo os sujeitos da contra-cultura local, jornalistas, hippies, entre outros.



FOTO 5 – Alguns grupos criavam temas específicos em suas “montarias” – nome que designa o figurino *drag*; montar-se é vestir-se de *drag*. Esse grupo de Curitiba, que na foto 2 aparece no tema “baianas”, faz aqui uma brincadeira: são as Carlotas da Joaquina, Brava, Mole e Jurerê, uma referência à primeira princesa brasileira e às praias mais famosas da cidade. A performance *drag*, assim, baseia seu humor numa intertextualidade, em que diferentes referências constituem suas paródias.

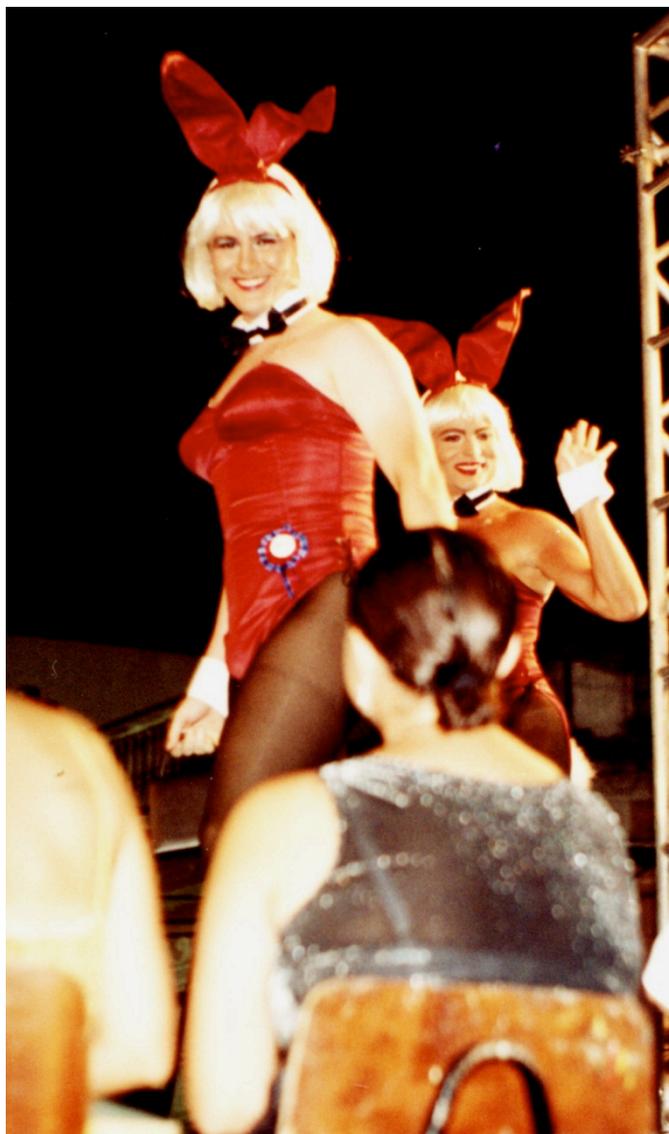


FOTO 6 – O concurso Pop Gay foi criado em 1993 pela prefeitura local e teria sido o primeiro do tipo organizado pelo poder público no Brasil. As participantes concorriam em duas categorias. Na categoria *Drag Queen*, concorriam *drags* individuais ou em dupla, apostando em montarias de humor e escracho. As apresentadoras do concurso, geralmente *drags* já famosas na cidade, costumavam ressaltar ser o único evento do tipo no Brasil, patrocinado pelo poder público, o que parecia pretender chancelar Florianópolis como um destino turístico gay para o país.



FOTO 7 – Outra categoria do Pop Gay era a *Beauty Queen* destinada às participantes que não se montam apenas no carnaval, ou seja, as travestis e transexuais. Maria Eduarda Venturini foi vencedora por vários anos seguidos e fazia questão de explicar: “estou aqui para valorizar as transexuais. Não somos travestis, nem mulheres. Somos transexuais e queremos reconhecimento”. O Roma assim produzia um “carnaval de identidades”, em que diferentes grupos performavam suas visões e práticas de mundo a partir de um mesmo rótulo, “carnaval gay”, reforçando-o e colocando-o sob suspeita ao mesmo tempo.



FOTO 8 – O concurso chegava a atrair numa única noite 10 mil pessoas em frente ao palco. Ao contrário das outras quatro noites do carnaval, onde o público LGBT era maioria, o concurso atraía a população em geral que se deliciava com essas personagens, o que também chamava a atenção da imprensa local. Personagens que no cotidiano não carnavalesco eram tidos como desviantes – e incluía-se todos os grupos LGBT presentes à festa – tinham nestes dias seus momentos de serem reverenciados, aplaudidos e desejados.



FOTO 9 – Outra atração especial desta noite de Pop Gay é a presença de artistas LGBTs nacionais, como Léo Áquila que se apresentou nos anos da pesquisa. Léo lançou um de seus discos nessas apresentações, com músicas que aliavam humor e protesto: *“Eu não sou hipócrita, eu não estou suja. E, se não me derem licença pra passar, talvez eu passe por cima pra não ter que desviar nos meus caminhos e me perder dos meus sonhos”*, diz a letra de uma de suas músicas.



FOTO 10 – O fim desse “império” do carnaval certamente nos aponta os novos rumos das homossexualidades brasileiras que, neste início do século XXI, se tornaram menos circunscritas pelo silenciamento e puderam ocupar não apenas espaços específicos como este. Os novos espaços, no entanto, não conseguiram abranger toda a diversidade que ali era produzida, principalmente no que se refere a um humor ácido que, ao caricaturar o gênero e a sexualidade, se tornavam fontes de poder e subversão das ordem estabelecidas.

Referências

SILVA, Marcos Aurélio da. *Se manque! Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC, 2003.

VENCATO, Anna Paula. *“Fervendo com as drags”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC, 2002.